

Eutonia: A construção de uma racionalidade sensível

Eutony: The construction of a sensitive rationality

Rosa Maria Hercoles

 <https://orcid.org/0000-0003-4036-6579>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Brasil
rosahercoles@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar os parâmetros epistemológicos que constituem a *Eutonia*, destacando especialmente o *respeito pela pessoa humana*, e também salientar a centralidade do conceito teórico-prático do *contato consciente*, em torno do qual os procedimentos técnicos vão, por necessidade, se estabelecendo. Para tanto, alguns dados históricos, relativos à 2ª Guerra Mundial, às reformas pedagógicas ocorridas no início do século XX e à trajetória de Gerda Alexander nesses contextos, serão apresentados de forma a refletir sobre as conexões entre pesquisa e ambiente, ao longo do tempo. Também serão abordados os conceitos de alteridade e empatia para proporcionar um entendimento de alguns princípios fundantes da prática pedagógica, afirmando a importância da flexibilização do tônus muscular para este método. Mas, sobretudo, pretendemos dissolver o equívoco de atribuir a criação da Eutonia unicamente à questão do adoecimento de Gerda Alexander.

Palavras-chave

Movimento, Corpo-Ambiente, Alteridade, Empatia, Tônus muscular

Abstract

This article aims to present the epistemological parameters that constitutes Eutony, especially emphasizing *respect for the human being*, while also highlighting the centrality of the theoretical-practical concept of *conscious contact*, around which the technical procedures are necessarily established. To this end, we will examine some historical data relating to World War II, the pedagogical reforms that occurred at the beginning of the 20th century and Gerda Alexander's trajectory within these contexts. This exploration aims to establish connections between her research and the educational

and political context. Additionally, we will delve into the concepts of alterity and empathy to understand the foundational principles of this pedagogical practice, underlining the significance of enhancing muscle tone flexibility for this method. Above all, it aims to dispel the misconception that attributes the creation of Eutony solely to Gerda Alexander's illness.

Keywords

Movement, Body-Environment, Alterity, Empathy, Muscle Tone

As relações entre as Educações Somáticas e a Dança, intensificadas a partir dos anos 70, têm sido objeto de estudos acadêmicos, com a produção de várias dissertações de mestrado e teses de doutorado, no Brasil. As somáticas também têm sido parte importante na formação do corpo que dança, dado favorecerem o desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias tanto para a execução quanto para a pesquisa de movimentos. Estas relações encontram-se na gênese da Eutonia, por conceber e sistematizar uma *pedagogia para o movimento*. Contudo, há um problema a ser enfrentado, pois as técnicas corporais transmitidas sem os parâmetros epistemológicos e os conceitos teórico-práticos que as constituem, bem como as linhagens de pensamento às quais pertencem, frequentemente são vitimadas por leituras reducionistas. Estas leituras, geralmente, são imprecisas e muitas vezes equivocadas, na medida em que se encontram ancoradas em sistemas conceituais que não emergiram do interior das suas investigações teórico-práticas.

A busca por fundamentações para a técnica de treino corporal, fora do seu escopo conceptual é sempre danosa, dado que contribuí para a perenidade da tradicional separação entre teoria e prática. Esta forma de dualismo hierarquiza os processos realizados pelo corpo, pois parte do pressuposto de que tudo o que pertence à instância intelectual tem maior importância e relevância. Isto porque a esta se atribui um papel legitimador das experiências sensíveis, habitualmente tidas como não confiáveis. Apesar da recorrência deste traço cultural, sabemos que as tarefas realizadas pela instância intelectual não seriam possíveis alcançar sem as respetivas sensibilidades.

Proponho que a hipótese a ser adotada seja a de que os reducionismos de toda uma área de conhecimento às experiências singulares tendem a ocorrer na medida em que os entendimentos decorrentes do treino são formulados unicamente a partir daquilo que é possível apreender pela experiência pessoal, como se o conhecimento

Figura 1

Gerda Alexander [15/02/1908 - 21/02/1994]



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

aí começasse. Não se questiona aqui a legitimidade destas experiências, mas sim é preciso reconhecê-las como parciais, dado que estas estão condicionadas aos repertórios conceptuais previamente consolidados em cada um dos corpos envolvidos nos processos de experimentação. Assim, faz-se necessário distinguir as especificidades de uma linhagem epistemológica das suas possibilidades de aplicação quando estão vinculadas a outra área de conhecimento e, conseqüentemente, surgidas a partir dos acordos entre o conhecimento adquirido e os conhecimentos prévios à aprendizagem. Pois, independentemente do campo de conhecimento em questão, a tendência de tratarmos novos problemas com velhas soluções é uma realidade, já que as disposições cognitivas de acomodarmos novas informações a pressupostos pré-existentes, estão sempre presentes. Estas disposições serão indefinidamente replicadas caso não ocorram os necessários processos de atualização dos nossos sistemas conceptuais, no sentido de estes promoverem a revisão dos nossos padrões lógicos frente às informações que nos afetam.

Nos poucos textos escritos por Gerda, aos quais temos acesso, devido à barreira da língua, a expressão “respeito pela pessoa” tem lugar de destaque. A recorrência desta expressão demonstra, em primeira instância, uma óbvia conexão com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 10 de dezembro de 1948, pela Organização das Nações Unidas. Nela, o respeito pela pessoa humana teve importância central, dado o contexto no qual foi formulada, sobretudo, devido às evidências brutais trazidas à luz no período do pós-Segunda Guerra Mundial. A Europa saía de anos de opressão, produzida por governos autocráticos e letais, tornando-se imperiosa a reconstrução de corpos violados pela supressão abjeta do respeito à vida. Um dos traços que marcam esse período histórico é que os estudos do corpo obtiveram notável valor para várias áreas do conhecimento, sobretudo nas Ciências Sociais, Políticas, Médicas e nas emergentes Ciências Cognitivas¹ que

1 O campo de estudos transdisciplinar denominado como Ciências Cognitivas reúne as seguintes áreas do conhecimento: Filosofia da Mente, Psicologia Cognitiva, Neurociências, Biologia Evolutiva, Antropologia, Linguística e Ciências da Computação.

têm como objeto de estudo, os processos que o corpo implementa para adquirir conhecimento. Também surgiram neste período algumas propostas voltadas para a restauração dos corpos tocados pelo “iminente risco de morte”, que a partir dos anos 70, foram abrigadas sob a área de conhecimento denominada como das Educações Somáticas².

De acordo com Gerda, pessoas mais sensíveis tenderiam a não aderir cegamente às ideologias que justificam a realização de guerras, evidenciando a motivação humanitária e o posicionamento político que subjazem à gestação da Eutonia. Por esta razão, o *respeito pela pessoa* apresenta-se como um dos parâmetros, expresso na formulação deste *fazer que exercita o sentido cinestésico*³ e *estabelece um modo de pensar o corpo sempre em conexão*.

Mas, quando o assunto são as palavras, não podemos esquecer que elas são passíveis de sofrer alterações nos seus significados, uma vez que se encontram condicionadas aos contextos nos quais são empregadas. E, embora a palavra “respeito” tenha passado por desgastes consideráveis, muitas vezes sequestrada para enunciar princípios antagônicos à sua etimologia⁴ - ou seja, “olhar novamente” - proponho a restituição do seu significado. Pois, apesar das distorções, não podemos esquecer o seu valor para as discussões que se ocupam dos sentimentos que permeiam o viver em sociedade.

Então, julgo ser necessário o seu resgate, restabelecendo o seu significado e entendendo-a a partir de premissas éticas; e, portanto, fora de pressupostos estritamente morais. Dado que perspectivas morais favorecem aplicações meritocráticas, que delimitam as fronteiras

2 A opção pelo uso do plural se deve ao facto de se tratar de um campo do conhecimento que reúne métodos de trabalhos corporais (Eutonia, Técnica Alexander, Feldenkrais, entre outros) cujas especificidades das premissas, abordagens, procedimentos e encaminhamentos pedagógicos são diferenciados.

3 O aparato perceptivo responsável pela sensação do movimento, conhecido como sentido cinestésico (Berthoz, 2010), conta com os seguintes receptores de sensibilidade: corpúsculos de Merkel, fusos neuromusculares, órgãos tendinosos de Golgi e células ciliadas.

4 A palavra “respeito” vem do latim “respectus”, que é o participio passivo do verbo “respicio”. Este verbo é composto pelo prefixo “re-” (novamente) + o verbo “specio” (olhar), ou seja, “olhar novamente”.

entre aqueles que são sacralizados pela sua pretensa pureza (raça ariana) e aqueles “degenerados impuros” que são indignos de respeito (judeus, ciganos, homossexuais e deficientes).

Quaisquer que sejam suas origens, a psicologia da sacralidade ajuda a conectar os indivíduos em comunidades morais. Quando alguém em uma comunidade moral profana um dos pilares sagrados de apoio à comunidade, a reação será rápida, emocional, coletiva e punitiva. (Haidt, 2020, p. 161)

O alicerce da pureza/degradação evoluiu inicialmente em resposta ao desafio adaptativo do onívoro e depois ao desafio mais amplo em viver em um mundo de patógenos e parasitas. Ele inclui o sistema imunológico comportamental, que pode nos tornar mais cautelosos com uma variedade diversificada de objetos e ameaças simbólicas. Ele possibilita às pessoas atribuírem valores irracionais e extremos – positivos e negativos – a objetos que são importantes para unir grupos. (Haidt, 2020, p. 164)

O desgaste sofrido pela palavra “respeito” ao longo das últimas décadas demonstra como ela pode ser perigosa quando mal-empregada, pois jamais deveria ser utilizada para sobrepujar direitos civis e políticos inalienáveis. Por esta razão, desassociá-la de ideias meritocráticas e moralistas torna-se imperativo. Estas ideias legitimam e naturalizam relações de poder que exercem a sujeição e a submissão dos corpos, reafirmando as desigualdades e suprimindo um dos direitos basilares da cidadania: o direito de decisão sobre o próprio corpo, sobretudo no que se refere à sua inviolabilidade.

Obviamente, noções de moralidade variam culturalmente, bem como entre os diferentes grupos que constituem essas culturas. Segundo Greene (2018), trata-se de noções potencialmente conflitantes, capazes de produzir embates e debates, com variadas intensidades, sobre como viver. Isto relaciona-se àquilo que o autor definiu como a “tragédia da moralidade do senso comum” que se dá quando os membros de algum agrupamento social

cooperam entre si com vistas à consolidação de algum ideário, assumindo uma postura utilitária que distorce conceitos e entendimentos de mundo em benefício próprio, em detrimento dos não integrantes ou de um coletivo numericamente maior. E qual seria a nossa tragédia, nascidos em um território cuja ocupação se apoiou em lógicas expansionistas coloniais civilizatórias, mas intelectualmente estruturadas por uma racionalidade mercantil extrativista?

De acordo com o professor de literatura comparada, João Cezar de Castro Rocha (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), a própria forma como a nossa nacionalidade foi nomeada externaliza esta racionalidade. Sabemos que, na língua portuguesa, o sufixo “eiro(a)” é usado para designar atividades profissionais (padeiro, costureira, relojoeiro.). Assim, o nome “brasileiro(a)” diz respeito à profissão que se dedicava à extração do pau-brasil. O anacronismo desta racionalidade extrativista, colonial e patriarcal continua pautando as ações da burguesia nacional, que se entende no direito de prosseguir usurpando as riquezas do país, e em nome do patrimonialismo vale tudo! Vale exterminar, escravizar, segregar, discriminar, degradar, pauperizar, golpear...

O neocolonialismo tardio, praticado no nosso país, dá continuidade ao seu projeto de mando com vistas à perpetuação de privilégios econômicos. Para tanto, é preciso infantilizar politicamente a população, menorizar grupos sociais, interditar a mobilidade social, promover a desinformação, impulsionar a autorreferencialidade e cultivar um senso comum que associe a destorcida ideia de *respeito* a alguma autoridade inquestionável, personificada nas figuras dos “doutores”, pastores, patrões, líderes, etc. E a palavra de ordem, embora velada, continua sendo: emancipação jamais!

Gerda antagonizava com este tipo de mentalidade e jamais adotou uma atitude colonizadora em relação ao corpo do Outro, habitualmente manifestada através de exercícios de autoridade. Esta postura resultou na criação da Eutonia, cujo propósito primeiro é o da emancipação, tratando-se, portanto, da proposição de um *contra-dispositivo* que se opõe a toda e qualquer forma de poder e de manipulação. Esta dimensão política da Eutonia

evidencia-se quando, nos seus escritos, orienta os seus estudantes a não se deixarem seduzir pela ideia de que são os líderes/mestres dos processos estabelecidos nas relações ensino/aprendizagem (uma clara referência à palavra alemã: *führer*).

O raciocínio humano tem suas falácias, seus vieses e sua tolerância para com a mitologia. Mas em última análise a explicação para o paradoxo de como nossa espécie poderia ser ao mesmo tempo tão racional e tão irracional não é algum problema em nosso software cognitivo. Ela está na dualidade do eu e do outro: nossos poderes de raciocínio são guiados por nossos motivos e limitados por nossos pontos de vista. (Pinker, 2021, p. 337)

A partir do parâmetro do *respeito pela pessoa*, questão que envolve a relação entre o Eu e o Outro, Gerda formulou o conceito de “neutralidade”. Contudo, este conceito carece de revisão dada a impossibilidade lógica de sermos neutros. Em primeira instância, esta proposta relaciona-se à construção de uma postura profissional disponível e permeável, atualizando esta postura no contínuo das trocas, mas sempre atentos para não nos perdemos no Outro, ou seja, não nos deixarmos ser colonizados pelo Outro, e, como dito acima, não colonizar. Assim sendo, em vez de rejeitarmos precipitadamente esta formulação, sugiro que as questões fundantes desta nomeação indevida sejam analisadas com um pouco mais de cautela.

Seguindo com os escritos de Gerda, deduzo que se tratava da busca de um conceito que favorecesse pensarmos eticamente o *respeito pela pessoa*, ou seja, a partir de quais premissas nos relacionamos com o Outro? A proposta de Gerda de *olhar novamente para padrões comportamentais, no sentido de reestabelecer as suas potencialidades expressivas*, pressupõe a construção de uma racionalidade sensível e emancipatória. Para tal, o desenvolvimento de habilidades sociais é necessário, mas estas nunca serão neutras, uma vez que os sujeitos e as suas subjetividades se constroem através das trocas estabelecidas com ideários e valores que cons-

tituem os seus ambientes socioculturais. Assim, proponho que a nomeação imprecisa do conceito em questão seja substituída pelo de “outridade”, o que pressupõe a construção de habilidades cognitivas relativas à alteridade e à empatia.

Outridade

Em termos epistemológicos, Alteridade e Empatia podem ser abordadas como conceitos convergentes. Esta afinidade conceptual ocorre na medida em que ambos, enquanto habilidades sociais e cognitivas culturalmente construídas, dizem respeito aos modos como percebemos, conhecemos e nos comportamos nas aproximações com o Outro. Lembrando que o Outro, ou melhor dizendo, os Outros, são múltiplos e variados. Entendo que, de partida, estes conceitos convergem por reconhecerem a irreduzibilidade do(s) Outro(s) a pressupostos lógicos pré-existentes. A gênese desta afirmação data do período de minha formação como eutonista (1991/94): quando, numa das aulas, trabalhávamos em duplas para estudar a qualidade do toque na cabeça, a minha colega começou a intensificar o seu toque, causando um efeito contrário ao pretendido e, ao ser questionada acerca da força que estava a empregar, obtive a resposta de que a intensidade do seu toque estava diretamente relacionada com a espessura do meu cabelo. Enfim, fui corporalmente vitimada pelo silogismo.

Pensar o “respeito pela pessoa” a partir do conceito de alteridade requer que hábitos perceptivos e comportamentais sejam escrutinados pela reflexão crítica. Como lidamos com o desconhecido, com aquilo que é estranho ao nosso sistema conceptual ou estranho às nossas percepções? Olhamos para o corpo do(s) Outro(s) a partir de uma lógica totalitária que busca encontrar algum espelhamento através da identificação de parencas, correspondências e regularidades? Ou reconhecemos que estamos diante de uma singularidade e que jamais acederemos à sua integralidade, bem como à sua complexidade?

Se a correção está no reconhecimento das singularidades, qual seria o antídoto às tendências da igualação? Não basta unicamente delimitar territórios e fronteiras

entre os corpos, frente às suas inevitáveis relações de afeição e afetação, adotando estratégias de convivência que camuflam pressupostos estritamente pessoais e universalizantes em retóricas que se dizem respeitar o diferente. É preciso construir uma atitude que externalize a coerência entre discurso e ação. Pois, “a alteridade não pode simplesmente ter o propósito de aniquilar a alteridade, de transformar a outridade em familiaridade” (Santaella & Nöth, 2009, p. 37). Contudo, cabe ressaltar que não se trata de um conceito absoluto, na medida em que as noções de alteridade que nos constituem estão condicionadas aos modos como cognitivamente representamos o mundo.

Para a Semiótica Peirceana, uma representação mental é “*algo que está para*” algum objeto que se impõe à percepção⁵ (Peirce, 1995). Já a alteridade relaciona-se ao modo como simbolicamente representamos o(s) Outro(s), ou seja, o que está para o(s) Outro(s) nas nossas mentes? Porém, é importante considerar que os processos representacionais têm na percepção o seu substrato e, dado que os processos perceptivos operam por tentativa e erro, não raramente uma representação pode resultar num simulacro da realidade. Assim sendo, como podem ser corrigidos os equívocos perceptivos e atualizadas as representações? A premissa é a de que correções e atualizações somente serão possíveis pelo contínuo das trocas que a comunicação favorece. E isto leva-nos ao conceito de empatia, aqui entendida como mediação entre um sentimento pessoal e o reconhecimento do real.

A empatia é necessária para as trocas estabelecidas nos processos comunicacionais, requerendo que o *olhar novamente* para o(s) Outro(s) ocorra a partir de termos trazidos pelo(s) Outro(s). Para tal, de acordo com Sennett (2012), é preciso construir habilidades dialógicas. A

sua proposição indica que as trocas com o(s) Outro(s) podem ocorrer de duas formas: dialética ou dialógica. Nas trocas dialéticas, a postura é a da convicção de que sabemos o que está a acontecer com o(s) Outro(s) e, assim, somos *simpáticos* às condições e circunstâncias em que ele(a) se encontra. Devido a um entendimento prévio do que se passa com o(s) Outro(s) e com o mundo, a prática é a da assertividade, do convencimento e os argumentos apresentados buscam chegar a uma síntese unificadora que iguale os envolvidos na troca, reafirmando o pretensamente sabido. Já nas trocas dialógicas, a postura é a da curiosidade frente ao diferente/dissidente, não se tratando da busca das semelhanças e de um discurso único, mas sim da busca por um terreno comum no qual as trocas possam ocorrer, favorecendo o reconhecimento de que jamais teremos pleno acesso à complexidade constitutiva do(s) Outro(s) e tampouco do seu contexto. Por estas razões, a postura empática requer o questionamento daquilo que julgamos saber. A construção da habilidade social da empatia pressupõe tanto o reagir ao(s) Outro(s) nos termos do(s) Outro(s), por mais desconfortante que isto possa ser, quanto entender que é nas trocas com o(s) Outro(s) que, inclusive, atingimos uma compreensão mais precisa e coerente sobre nós mesmos.

Como questão filosófica, a simpatia pode ser entendida como uma recompensa emocional para o jogo dialético de tese-antítese-síntese: “Finalmente estamos nos entendendo”, o que dá uma boa sensação. A empatia está mais ligada à troca dialógica: embora a troca seja sustida pela curiosidade, não experimentamos a mesma satisfação de um fechamento, de estar rematando as coisas. (Sennett, 2012, p. 35)

Trajetórias

Olhar para a formação artística de Gerda Alexander como musicista e dançarina, mesmo que brevemente, é relevante para a construção de um juízo mais realista daquilo que a constituiu intelectualmente, de modo a detectar as hipóteses a que foi exposta quando estudante. Isto porque é neste processo de formação que se encon-

5 “Estar em lugar de; isto é, estar numa tal relação com um outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro. Assim, um porta-voz, um deputado, um advogado, um agente, um vigário, um diagrama, um sintoma, uma descrição, um conceito, uma premissa, um testemunho, todos representam outra coisa, de diferentes modos, para mentes que os consideram sob esse aspecto. Veja-se o conceito de Signo. Quando se deseja distinguir entre aquilo que representa e o ato ou relação de representação, pode-se denominar o primeiro de ‘representamen’ e o último de ‘representação’”. (Peirce, 1995, p. 61)

tra a gênese dos outros dois parâmetros que orientam a criação e, posteriormente, a sistematização da Eutonia, ou seja: a não diretividade e a flexibilização do tônus muscular.

Aos seis anos de idade, Gerda iniciou os seus estudos como pianista e, três anos depois, ingressou na *Blensdorf Schule für Rhythmische und Musikalische Erziehung* (Escola Blensdorf para Educação Rítmica e Musical), em Wuppertal, fundada e dirigida pelo compositor e educador Otto Blensdorf [1871-1947], em 1910. Otto foi o primeiro professor alemão de Rítmica⁶ formado por Emile Jacques-Dalcroze [1865-1950], que compartilhava das ideias presentes nas reformas pedagógicas que estavam em curso na Europa, no início do século XX.

A partir de 1923, Otto passa a treinar professores de Rítmica. A sua filha Charlotte Blensdorf [1901-1999] e a amiga Gerda Alexander eram suas alunas. Em 1924, aos 16 anos de idade, como aluna e assistente de Otto, Gerda recebeu a tarefa de encontrar treinos que pudessem preparar o corpo para as aulas de Rítmica. Mas, rapidamente percebeu que nenhuma das técnicas existentes, tanto na ginástica sueca como na dança moderna, servia para propósito, uma vez que, ao partir de modelos desejáveis, instituíam padrões específicos de movimento. Assim, Gerda decidiu inventar procedimentos não moldassem o corpo, mas o preparassem para as aulas de Rítmica, iniciando a investigação de ideias próprias relativas à formação do corpo (*körperbildung*).

Em 1929, Gerda concluiu os seus estudos musicais como pianista e professora de *rítmica e movimento*, sendo aprovada nos exames finais da *Hochschule für Music* (Universidade de Música) em Bona e no *Staatliches Examen für Rhythmische Erziehung* (Exame Estatal para Educação Rítmica) em Berlim. No mesmo ano, juntamente com Otto e Charlotte, participou da conferência internacional denominada *New Education Fellowship* (Amigos da Nova Educação) realizada em Elsinore, Dinamarca (Brehony, 2004).

6 O método de educação musical que propõe que o aprendizado e a aquisição do conhecimento musical, necessariamente, passem pela experiência do corpo em movimento, no sentido de desenvolver suas habilidades rítmicas naturais, é conhecido como método Dalcroze ou Rítmica.

A conferência, que teve a sua primeira edição em 1921, foi idealizada e organizada pela pedagoga inglesa Beatrice Ensor [1885-1974], reunindo as propostas pedagógicas construtivistas que tensionavam a premissa da conformação com a da emancipação e, sobretudo, visavam reformar os projetos educacionais vigentes ligados à replicação de ideias disciplinares conteudistas que reduziam os alunos a um simples depósito de conhecimentos já consolidados e consensuados.

A oposição aos modelos pedagógicos mecânico-repetitivos, pouco inventivos, deu-se através de hipóteses

Figura 2

Gerda, Otto e Charlotte Blensdorf (da esquerda para a direita), durante o Congresso Amigos da Nova Educação (New Education Fellowship), Dinamarca, 1929.



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

que olhavam para as relações entre ensino e aprendizagem como processos de emancipação crítica e construção de autonomia. Para tal, os alunos necessitavam ser considerados como agentes ativos, admitidos no interior das metodologias relativas à transmissão e aquisição do conhecimento. Não se tratava, portanto, da simples transferência mecânica de conteúdos com vista à formação de um sujeito universal e estritamente racional.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (...) É preciso insistir: esse saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (Freire, 1997, p. 52)

A exposição de Gerda aos princípios da Nova Educação levou à adoção do parâmetro epistemológico da não-diretividade nas suas práticas pedagógicas, pois, não cabe ao professor induzir as experiências perceptivas ou controlar os desdobramentos que um procedimento possa produzir. Para que o aluno participe ativamente no processo de estudo das potencialidades do corpo e do movimento, é necessário que o professor (a partir do reconhecimento das singularidades dos corpos e de uma postura que contemple a outridade) atue como um facilitador que preserva e cultiva o espaço da descoberta, tanto a dele quanto a do aluno. Tal parâmetro impôs a necessidade da rejeição absoluta de entendimentos dualistas e mecanicistas do corpo.

Cabe ressaltar que a não-diretividade não significa não fazer nada, mas sim, priorizar a atenção ao “como fazer” para que os alunos encontrem os seus próprios meios, potencializando os processos inteligentes e a

Figura 3

Gerda e os seus alunos a tocar flautas de bambu, por eles manufaturadas (Dinamarca)



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

transmissão/construção do conhecimento. Durante a conferência, Gerda é contratada para ministrar aulas de Rítmica na *Phillipsen School* (escola que atendia crianças neurodivergentes) e na *Froebel Training School* (escola para formação de professores para o ensino público maternal), ambas na Dinamarca.

Em 1932, foi convidada por Leopold Jessner [1878-1945], à época diretor do *Berlin Staatliches Schauspielhaus* (Teatro Estatal de Berlim), para retornar à Alemanha e atuar junto à Ópera como sua assistente e preparadora corporal do elenco. O contrato teria início em abril de 1933, mas Hitler ascende ao poder em janeiro e exonera todos os judeus que ocupavam cargos estatais. Gerda, pressentindo o estado de exceção, deixa de priorizar os seus projetos artísticos e resolve investir no seu trabalho como educadora, objetivando desenvolver uma abordagem corporal que implementasse as ideias da Nova Educação⁷.

Mas, o facto de não ter regressado à Alemanha não a impediu de se posicionar politicamente. Gerda passou a atuar junto aos movimentos de oposição ao nazismo, contribuindo com os grupos que organizavam as travessias de judeus para a Escandinávia e, em 1946, o governo dinamarquês reconheceu a sua atuação junto à resistência antinazista, concedendo-lhe a nacionalidade dinamarquesa.

O parâmetro humanista do respeito pela pessoa emerge do facto de ter sido contemporânea de duas grandes guerras. O da não-diretividade deriva dos movimentos pedagógicos reformistas nos quais foi artisticamente formada. Já o da flexibilização do tônus muscular ganhou relevância devido ao seu adoecimento. A partir dos 15 anos de idade, ainda durante os seus estudos na escola de Otto Blensdorf, Gerda foi acometida por várias crises reumáticas que evoluíram para uma endocardite. O prognóstico foi de que acabaria numa cadeira de rodas, e a recomendação médica foi a do repouso absoluto. No entanto, isto inviabilizaria a continuidade dos seus

estudos em Rítmica e Movimento, colocando um problema a ser solucionado, pois parar de se movimentar não era uma opção aceitável.

A determinação de continuar a trabalhar com o movimento levou Gerda a observar a quantidade de força que empregava durante a sua execução, começando a explorar formas para economizar esforço, não no sentido de poupar, mas, sim, de adequar a força à ação pretendida. Pois, logo constatou que força a mais, ou a menos, significava gastos energéticos desnecessários. Para isso, foi preciso focar a atenção (*be aware*) naquilo que ocorria no seu corpo durante a execução dos movimentos.

O psicólogo Michael Posner e o neurocientista Steve Petersen [1990/2012] (Posner & Petersen, 1990), classi-

Figura 4

Gerda Alexander no Teatro Municipal de Elberfelder (1930)



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

⁷ No Brasil, o movimento foi denominado como *Escola Nova*, conectando-se especialmente às ideias do filósofo da educação estadunidense John Dewey (1859-1952), que formulou a proposta da *educação ativa*. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, no Brasil, publicado em 1932, pode ser acessado eletronicamente (INEP, 1984).

ficaram as propriedades da atenção, a partir da sua ativação pela percepção, da seguinte forma: atenção focada (direcionamento para um estímulo específico); atenção constante (manutenção do foco durante alguma atividade); atenção seletiva (apesar da multiplicidade de estímulos perceptivos, seleciona o mais relevante para o contexto); atenção alternada (variar o foco entre estímulos distintos); e atenção expandida (conexão com o contexto de modo generalizado).

As investigações de Gerda produziram a constatação de que somente através de uma atenção/percepção engajada com a ação se teria acesso aos modos como a musculatura se comportava durante a execução dos movimentos. Gerda descobriu que a adequação da força estaria favorecida quando ocorria uma *conexão deliberada com o movimento enquanto este era executado*. Segundo ela, tratava-se do fluxo contínuo e ininterrupto entre *um pensar sentindo e um sentir pensando*.

Quando se aborda o uso da força e, portanto, a graduação do nível de tensão produzido pela musculatura, é inevitável falar-se de tónus, que diz respeito à alternância da atividade das células (fibras) musculares para manter a tensão necessária à preservação da forma dos músculos. A indissociável relação entre tensão e tónus não só é imprescindível para assegurar a integridade formal da musculatura, mas, em última análise, da própria vida; afinal, sem um nível constante de tensão, mantido pela atividade tónica, seríamos asfixiados pela pressão que a massa muscular exerceria sobre os nossos órgãos:

o músculo está sempre em atividade, mesmo quando isso não é traduzido em movimentos ou gestos. Nesse caso não se trata da atividade motora, no sentido mais frequente da palavra, mas, sim, de uma manifestação da função tónica. Essa função tónica tem a propriedade de regular a atividade permanente do músculo, que condiciona nossa postura e faz com que a musculatura esteja preparada para responder rapidamente às múltiplas solicitações da vida. (Alexander, 1983, p. 12)

Não cabe aqui realizar uma descrição detalhada das

estruturas e das tarefas realizadas pelo sistema sensorio-motor. O que nos interessa é entender como ocorre a atividade tónica. Para tal, recorro a uma analogia que apenas recortará o facto de que as fibras musculares percorrerem toda a extensão do músculo, organizadas em feixes e mantêm uma constante atividade sensível às necessidades. Então, imaginem um tubo largo e flexível preenchido por outros tubos mais estreitos que contêm vários fios, sem nenhuma emenda, que são percorridos por impulsos elétricos que variam dependendo da demanda de energia. Uma corrente elétrica constante mantém-se, mas, quando alguma luz é acesa, a atividade da corrente intensifica-se, lembrando que o interruptor é equipado com um *dimmer* que vai regular a quantidade de luz produzida, variando a quantidade de energia dispendida para manter uma certa luminosidade. Em suma, o tónus muscular é uma resposta adaptativa que garante a integridade e a funcionalidade do corpo em diferentes situações.

Chamamos de tónus as variações do grau de atividade das fibras musculares (aumento ou diminuição da corrente elétrica). Esta é uma propriedade que regula o uso da força e a quantidade da tensão produzida (adequação das intensidades às demandas), ambas circunstancialmente condicionadas às variáveis de necessidade de ativação, tanto no repouso quanto no movimento, nas suas mais variadas graduações (quantidade de luminosidade). Trata-se, portanto, de uma das atividades biológicas autorreguladas, realizadas por uma *tecnologia* corporal, entre tantas outras, que evoluiu para assegurar a integralidade e a funcionalidade do organismo.

Todas as tarefas de autodefesa (imunologia) e autorregulação (homeostase) realizadas pelo corpo ocorrem de forma automática, ou seja, o sujeito não tem acesso à totalidade dos múltiplos e contínuos processos perceptivos que subjazem a essas tarefas. No entanto, o corpo fornecerá acesso aos resultados produzidos por uma percepção nos casos em que a necessária tomada de decisão pelo sujeito se impõe. Por exemplo: como agir diante de uma febre ou de uma dor?

Na medida em que os processos neurais implementados pela percepção não se submetem ao controle dire-

to do sujeito, não é possível intervir neles a partir de um desejo. Então, o que é possível fazer para otimizar esses processos e fazê-los operar em toda a sua potencialidade? Este problema foi solucionado por Gerda através da proposição de algumas estratégias, formalizadas como procedimentos técnicos (que não serão aqui detalhados). Resumidamente, ela descobriu que a estimulação da pele, o trabalho com os ossos e a demanda do reflexo postural resultavam na regulação e, conseqüentemente, na *flexibilização do tônus muscular*, promovendo o que ela chamou de *disponibilidade reativa*, ou seja, uma maior rapidez na adequação da força necessária para realizar a ação pretendida.

A Eutonia de Gerda Alexander

Geralmente, as tentativas de definir e classificar a Eutonia recorrem à sua etimologia (*eu* = bom, justo; *e*, *tonia* = tensão), mas, apesar da precisão do enunciado, esta forma de apresentá-la não contempla a sua complexidade, além de favorecer que uma proposta pedagógica seja reduzida a uma prática alternativa para os cuidados da saúde, isto devido à sensação de bem-estar que potencialmente produz. Assim, como dito anteriormente, sugiro apresentá-la como um fazer que *exercita o sentido cinestésico (sentido do movimento) e estabelece um modo de pensar o corpo sempre em conexão*.

Na concomitância das experiências vividas e dos estudos realizados, os parâmetros epistemológicos do *respeito pela pessoa*, da *não-diretividade* e da *flexibilização do tônus muscular*, bem como o conceito de “neutralidade” (aqui, substituído pelo de *outridade*), já estavam estabelecidos e foram estruturantes para o processo de criação e, posteriormente, da sistematização do que viria a ser a Eutonia.

Contudo, o exercício de uma conexão deliberada com o movimento enquanto o movimento era executado favoreceu a descoberta, em 1939, do conceito teórico-prático que ocupa a centralidade da emergente Eutonia – o *contato consciente*. E, esta descoberta abriu outras perspectivas para as investigações implementadas até então.

Nossos corpos estabelecem contato com o mundo o

tempo todo. Disto depende nossa sobrevivência, então, onde se encontra a distinção? Sabemos que todas as nossas habilidades são passíveis de se especializarem através do treinamento, assim, a distinção está no facto de que o *contato*, conceitualmente proposto pela Eutonia, pressupõe o direcionamento e a manutenção da *atenção* (*be aware of...*) para os resultados produzidos pelos processos perceptivos que operam simultaneamente nas relações entre o corpo e o ambiente. Para tanto, o treinamento compreende o desenvolvimento das sensibilidades para que as percepções cinestésicas, passíveis de serem acessadas pelo sujeito, ocorram. Ou seja: as percepções da presença do próprio corpo, do corpo no contexto e do contexto (por exemplo: o que ocorre com o corpo enquanto caminha sobre superfícies lisas ou onduladas? Como ele se organiza? Ou, como ele se adapta às circunstâncias?).

Contudo, cabe reafirmar que os parâmetros estruturantes adotados, ao longo das trajetórias artísticas e pedagógicas de Gerda, evidenciam o facto de que o corpo não é uma ilha desconectada dos seus ambientes, sejam eles privados e/ou públicos. Assim, o *contato*, na Eutonia, também pressupõe as *conexões* com o corpo do Outro (individual e/ou coletivo), no qual um mesmo espaço-tempo é compartilhado (por exemplo: o que ocorre no corpo enquanto caminhamos em uma praia deserta, ou em uma via pública movimentada?).

Então, em 1940, para dar continuidade à exploração da sua recente descoberta, Gerda inaugura a sua escola, na sua residência, com um pequeno grupo de alunos interessados na formação em *pedagogia do relaxamento* (nome adotado por profissionais escandinavos que buscavam aplicar os conceitos rítmicos de Dalcroze fora do ensino musical). Inicialmente, a sua escola foi chamada de *Gerda Alexander Academy for Rhythm and Relaxation* e encontrava-se ligada ao Conservatório Real de Música de Copenhaga.

Mas, na medida em que as suas investigações vão ganhando autonomia em relação à Rítmica de Dalcroze e a constatação de que os resultados das suas pesquisas com o *contato consciente*, ou seja, o *contato eutónico*, não mais poderiam ser reduzidos ao relaxamento,

Figura 5

Gerda Alexander Skolen

SKOLE FOR RYTMISK OPDRAGELSE

Ledelse: GERDA ALEXANDER . ST. KONGENSGADE 77 A¹ . PALÆ 5584

Afspænding — Organisk Bevægelseslære
Rytmik — Fløjteskæring — Improvisation
Faguddannelse

| | |
|---|-------------|
| Honorar for Holdundervisning | Kr. 15 mdl. |
| 2 Gange ugentlig | « 25 « |
| Smaa Hold (3-5 Deltagere) | « 20 « |
| 2 Gange ugentlig | « 35 « |
| Indmeldelsen er bindende for Saisonen. Ønskes månedlig Opsigelse forhejes Honoraret med 20% pr. Maaned. | |
| Honorar for Enelektioner (mindst 4 Mdr.) | Kr. 45 mdl. |
| Enkelte Enelektioner (mindst 10)..... | « 15 p. G. |
| « « (2 Deltagere)..... | « 20 « |

Saison fra 1. Okt.—1. Juni . Ferien med Skoleferien

Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

bem como poderiam ser aplicados em outros campos do conhecimento, passa a divulgar a sua escola com o seu nome: *Gerda Alexander Skolen* ou *Gerda Alexander Schule*. Mais tarde, devido à internacionalização do seu trabalho, sobretudo, na Europa e nas Américas, adota o nome *Gerda Alexander School* e, a partir dos anos 70, os cursos de formação passam a ser ministrados na língua inglesa. Em 1985, Gerda forma a sua última turma de eutonistas profissionais.

O nome Eutonia somente foi adotado a partir de 1957, por sugestão do médico e nutricionista austríaco Alfred Bartussek [1899-1965], com quem Gerda estabelecia parcerias profissionais desde 1954. A sugestão

do nome ocorreu pela constatação de que o trabalho de Gerda atuava diretamente na minimização e na restauração das disfunções tónicas, ou seja, na distonia⁸. A nova denominação foi apresentada em 1959, no Primeiro Congresso Internacional de Relaxamento e do Movimento Funcional, organizado por Gerda em Copenhaga, com o apoio do Ministério da Educação da Dinamarca. O fomento foi concedido por Agnete Sophie Vøhtz [1895-1980], advogada, funcionária de carreira e primeira mulher a assumir a chefia do Segundo Departamento do Mi-

8 A distonia constitui-se como a contração constante que afeta de modo regular um ou vários músculos ou membros e, por vezes, o eixo corporal.

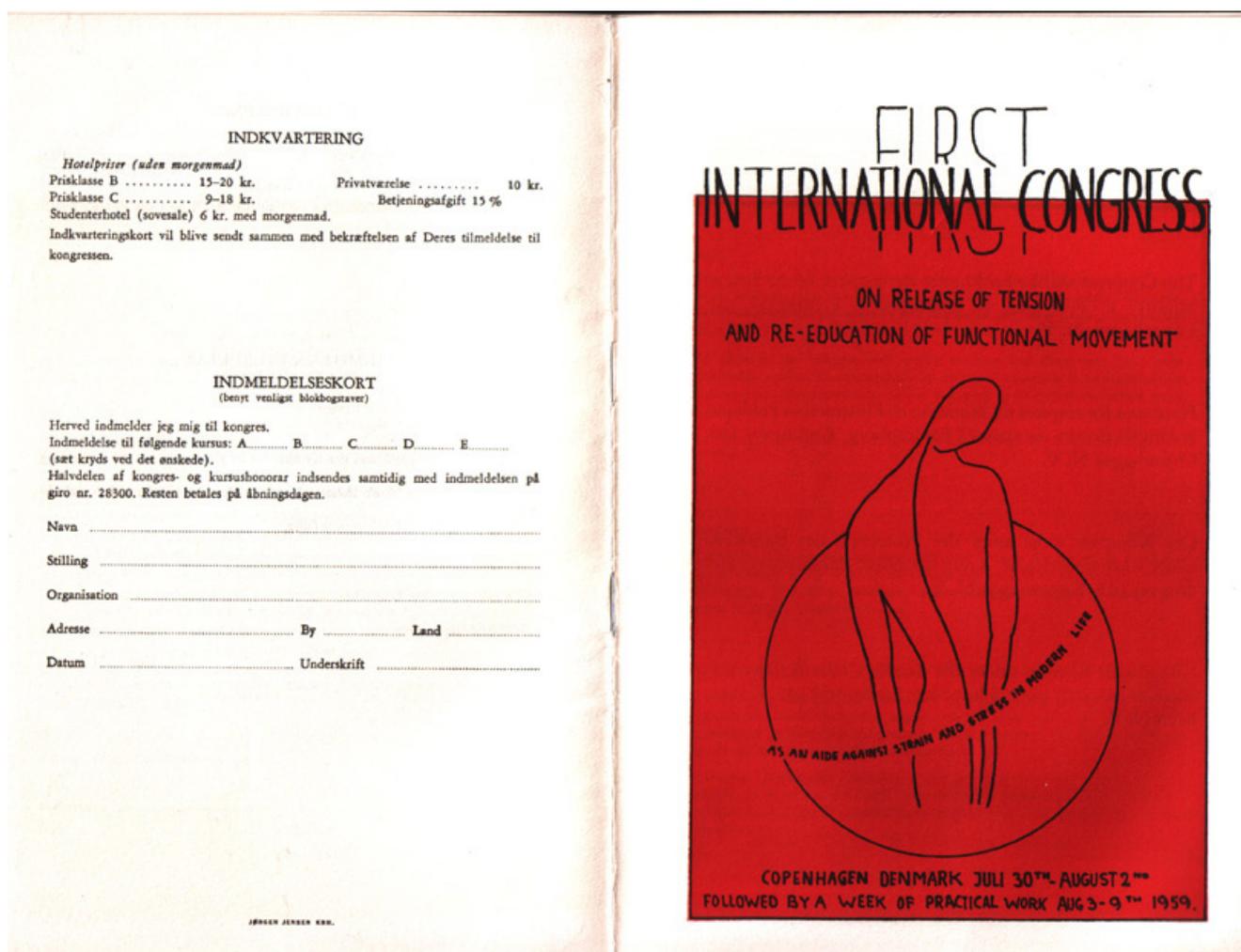
nistério, responsável pelo atendimento das instituições de ensino superior, escolas estatais, museus, arquivos e bibliotecas, além de assuntos relacionados a arte e a ciência.

Após a realização do congresso, que teve somente uma edição, vários métodos que trabalhavam com o corpo passaram a adotar a nova denominação, facto que exigiu a especificação da proposta, que não mais se anunciava como Pedagogia do Relaxamento. Assim, o trabalho decorrente de mais de três décadas de pesquisas continuadas passou a ser chamado de Eutonia de Gerda Alexander.

Somente em 1976, o termo Educação Somática foi cunhado pelo filósofo estadunidense Thomas Hanna [1928-1990], para anunciar as suas pesquisas com o movimento. A partir de então, esta denominação passou a ser utilizada para designar uma nova área do conhecimento que abarca tanto as pesquisas sistematizadas no pós-Segunda Guerra (Eutonia, Método Feldenkrais®, Técnica Alexander, Mabel Todd), quanto as que surgiram na segunda metade do século XX (Body-Mind Centering®, Sensopercepção, Antiginástica, Método Piret/Béziers, Bartenieff Fundamentals®, entre outros). Embora estas propostas adotem premissas e metodologias muito dis-

Figura 6

1.º Congresso de Relaxamento e Movimento Funcional



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

tintas, as suas formulações teórico-práticas convergem no abandono de entendimentos dualistas e abordagens mecanicistas de corpo:

Na abordagem dualista da mente estão incluídas diversas teorias bastante diferentes, mas todas elas concordam em que a natureza essencial da inteligência consciente está em algo que é *não-físico*, algo que está definitivamente para além do âmbito de ciências como a física, a neurofisiologia e a ciência da computação. O dualismo não é a concepção mais amplamente defendida em meio à comunidade científica e filosófica, hoje em dia, mas é a teoria da mente mais

Figura 7

Gerda no seu workshop para eutonistas em Talloires/França, 1985.



Nota: Direito de utilização gentilmente cedido pela Foreningen af Eutonipaedagoger, <https://eutoni.dk/>.

comum em meio às pessoas em geral. (Churchland, 1988, p. 26)

A Eutonia foi introduzida no Brasil pela terapeuta argentina Berta Vishnivetz, que conheceu o trabalho de Gerda durante o Congresso da Sociedade Internacional para a Educação Musical – ISME, ocorrido em Buenos Aires, em 1971. No ano seguinte, mudou-se para Copenhaga e ingressou na Gerda Alexander School. Dez anos após a sua graduação (1976), apresentou um plano para formação de eutonistas, a ser inicialmente implementado no seu país de origem.

Após a aprovação de Gerda, Berta inaugurou a Escola de Eutonia da América Latina, que formou duas turmas em Buenos Aires, Argentina (1987-90 e 1990-93), e uma em São Paulo/Brasil (1991-94), na qual me formei com os professores: Berta Vishnivetz (Argentina/Dinamarca), Eva Gisel Frydensberg (Suíça/Dinamarca), Lis Palsvig (Dinamarca), Thomas Eckman (Alemanha), Jean-Marie Huberty (Luxemburgo) e Alejandro Odessky (Argentina). Ao término desta formação, eu e mais dois colegas eutonistas, que também são profissionais da dança, Cristina Brandini e Hugo Rocha, formámos um grupo de estudos (ativo por 3 anos) e grande parte dos dados históricos apresentados neste artigo foram levantados neste período.

Além dos cursos de formação que oferecia, Gerda também dava aulas de Eutonia: na Hør Radio Danmark (Rádio Difusora Dinamarquesa) para músicos e cantores; no Teatro Real de Copenhaga (Kongelige Teater); anualmente, no Centro de Treino para os Métodos de Educação Ativa de Paris – CEMEA (Centres d'entraînement aux méthodes d'éducation active); bianualmente, no Institut Jaques-Dalcroze – Ijd, em Genebra. Entre as suas atuações artísticas, destacou-se a coreografia para o Coro na montagem de Orfeu e Eurídice no Ny Carlsberg Glyptotek (Museu de Arte), em Copenhaga. Apresentou a Eutonia, como palestrante, em vários congressos musicais, nas Américas e na Europa, e em congressos médicos europeus para apresentar a sua atuação. Com os seus alunos, atuou junto à Ala Pediátrica do Hospital da Universidade de Copenhaga. E escreveu o seu único livro

(Alexander, 1983), originalmente em alemão, mas posteriormente traduzido para o francês, inglês, espanhol e português.

Com uma vida de trabalho inteiramente dedicada à pesquisa do corpo e do movimento nas suas dimensões artísticas (ao pensar o corpo que vai para a cena) e pedagógicas (ao focar-se na criação de um método de formação não-modelizante), Gerda Alexander faleceu junto aos seus familiares, em Wuppertal, onde permaneceu durante seus últimos anos de vida. Hoje, os eutonistas formados por ela e pelos seus alunos continuam o seu trabalho em muitas partes do mundo, inclusive aplicando os conhecimentos produzidos pela Eutonia em outras áreas do conhecimento. Mas, sinto informar que, se os parâmetros epistemológicos estruturantes desta *pedagogia para o movimento* são desconhecidos e se o *contacto eutónico* não é favorecido em cada uma das aulas ministradas (independentemente das técnicas utilizadas

para se atingir este propósito, dado que as invenções e descobertas são condutas desejáveis para o pesquisador do corpo, e novos meios técnicos são sempre bem-vindos), o que está em curso não mais deveria ser nomeado como *Eutonia de Gerda Alexander*. Então, faça como Gerda: inove, sistematize a sua metodologia e proponha um outro nome.

Agradecimentos

Agradecemos a Eva Gisel Frydenberg (Presidente da Associação Dinamarquesa de Eutonia) pela disponibilização das imagens utilizadas neste artigo.

Conflitos de interesses

A autora declara não haver nenhum conflito de interesses.

Referências Bibliográficas

- Alexander, G. (1983). *Eutonia - um caminho para a percepção corporal* (1st ed.). Martins Fontes.
- Berthoz, A. (2010). *The brain's sense of movement - Perspectives in cognitive neuroscience* (1st ed.). Harvard University.
- Brehony, K. J. (2004). A new education for a new era: he contribution of the conferences of the New Education Fellowship to the disciplinary field of education 1921-1938. In *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education* 40(5-6), 733-755. <https://doi.org/10.1080/0030923042000293742>
- Churchland, P. M. (1998). *Matéria e consciência - Uma introdução contemporânea à filosofia da mente* (1st ed.). Fundação Unesp.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2nd ed.). Paz e Terra, Coleção Leitura.
- Greene, J. (2018). *Tribos morais: A tragédia da moralidade do senso comum* (1st ed.). Record.
- Haidt, J. (2020). *A mente moralista - Por que pessoas boas são segregadas por política e religião?* (1st ed.). Alta Cult.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. (1984). O manifesto dos pioneiros da Escola Nova. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, 65(150), 407-425. https://download.inep.gov.br/download/70Anos/Manifesto_dos_Pioneiros_Educacao_Nova.pdf
- Peirce, C. S. (1995). *Semiótica e filosofia*. Cultrix.
- Posner, M. I., & Petersen, S. E. (1990). The attention system of the human brain. *Annual Review of Neuroscience*, 13(1), 25-42. <https://doi.org/10.1146/annurev.ne.13.030190.000325>
- Pinker, S. (2021). *Racionalidade - o que é, por que parece estar em falta, por que é importante* (1st ed.). Intrínseca.
- Santaella, L. & Nöth, W. (2009). Representações da alteridade nas mídias. *Revista Líbero*, 12(24), 33-40.
- Sennett, R. (2012). *Juntos - Os rituais, os prazeres e a política da cooperação* (1st ed.). Record.